

o tema da caridade na sua *Semana Teológica*. A *Revista de Cultura Teológica* pode ser um instrumento útil na preparação da discussão deste assunto, a serviço de uma paz mais autêntica.

Este número da Revista reúne seis pesquisas teológicas. Por sua preciosa colaboração, agradeço aos meus colegas Pe. Dr. Alfeu Piso (*Os movimentos na Igreja*), Ceci M.C. Baptista Mariani (*A espiritualidade como experiência do corpo*), Pe. Dr. Márcio de Sousa Romeiro (*Teologia e economia. Entre o utópico e o realizável: a profecia-pastoral*), Pe. Vicente de Paulo Moreira (*Breve análise da "História Eclesiástica" de Eusébio de Cesaréia*) e Côn. Dr. José Adriano (*Sacramentos: uma introdução*). O último estudo, *Sede em Massa e Meriba (Ex 17,1-7)*, é da minha autoria. Sei das dificuldades que ainda enfrentamos para podermos colaborar com novas pesquisas.

Desejo a todos nós que Deus nos abençoe na procura de uma paz autêntica!

Dr. Matthias Grenzer  
*Redator*

## BREVE ANÁLISE DA "HISTÓRIA ECLESIASTICA" DE EUSÉBIO DE CESARÉIA

Pe. Vicente de Paulo Moreira

### 1. INTRODUÇÃO

Eusébio nasceu na Palestina, por volta do ano 265, e foi discípulo de Panfilo que participou da escola de Orígenes. Foi bispo de Cesaréia e participou vivamente das polêmicas contra o arianismo. Era um homem de vastíssima cultura, escreveu muito, sobretudo obras de caráter histórico como a sua "História Eclesiástica" que é o objeto do nosso trabalho. A matriz de seu pensamento é neoplatônica, suas reflexões têm um fim apologético e visam demonstrar, com argumentos de vários gêneros, que o cristianismo é a verdade.

O trabalho principal de Eusébio de Cesaréia é a "História Eclesiástica" na qual trabalhou do ano 311, ano do édito de tolerância de Galério pelo qual o cristianismo torna-se religião lícita, ao 324 ou 325. Esta obra é de inestimável valor para a cristandade. É uma verdadeira mina de ouro para o conhecimento da obra antiga do cristianismo, sobretudo dos fragmentos das obras dos principais padres da igreja dos três primeiros até metade do quarto séculos. Se esta nos faltasse, a vida da igreja antiga e de seus padres, em grande parte, seria ignorada. "Se Eusébio, com zelo incomparável, não tivesse escavado nas bibliotecas palestinas, onde era recolhida toda a literatura cristã dos tempos antigos, a pouca coisa se reduziriam os nossos conhecimentos cristãos sobre os três primeiros séculos da Igreja<sup>1</sup>".

### 2. VISÃO GERAL DA OBRA

Existe uma idéia central que dirige a "História Eclesiástica" de Eusébio que a faz distinguir, no seu conteúdo, da obra profana. Essa é caracterizada por um relevo de espiritualidade e de universalidade e por um fim apologético.

<sup>1</sup> DUCHESNE, L. *Histoire Ancienne de l'Eglise I*. Paris, 1906. p. 7-8.

Eusébio indica as grandes linhas da sua História; os álveos dentro dos quais faz escorrer, de cima ao fundo, os cursos da narrativa, os objetivos que são prefixados durante as investigações de grandes estudos. As linhas são as seguintes:

- 1 - demonstrar as sucessões dos apóstolos na igreja, com atenções particulares a Roma, Antioquia, Alexandria e Jerusalém;
- 2 - expôr os grandes acontecimentos da História Eclesiástica;
- 3 - informar sobre seus personagens mais ilustres, seus doutores e escritores mais importantes;
- 4 - falar dos hereges;
- 5 - relevar os castigos caídos sobre a nação judaica, ré de deicídio;
- 6 - ilustrar as lutas sustentadas pelo cristianismo contra o paganismo e consequentemente o heroísmo dos mártires antigos e contemporâneos<sup>2</sup>.

A diversidade dos argumentos não é causal nem arbitrária, ainda que sirva a um objetivo apologético, e tem os seguintes objetivos:

- 1 - provar a convicção de que a igreja foi fundada por Deus, mesmo o qual a guiou no seu caminho através dos séculos até a sua vitória final;
- 2 - mostrar a mediação do conhecimento do passado a fim de que o leitor consiga melhor compreender o desenvolvimento histórico e se torne capaz de estabelecer, por si mesmo, a medida do próprio agir<sup>3</sup>.
3. Eusébio é um inovador no campo literário.

No prólogo do primeiro livro, Eusébio coloca em evidência que se considera como inovador no campo literário. Além disso, demonstra consciência que a sua "História" supera de valor as histórias profanas as quais freqüentemente não referem a outra coisa a não ser às guerras ou, em um sentido mundano, aos "grandes personagens": "Outros historiôgrafos, com os seus escritos, entenderam somente transmitir a recordação de vitórias milita-

<sup>2</sup> EUSEBIO, H. *Eccl.*, I, I, 1-2.

<sup>3</sup> KRIEGBAUM, B. *Storiografia Ecclesiastica Antica*, (art. Eusebio ed i suoi continuatori). Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1992. p. 40-41.

res, de triunfos contra seus inimigos, violentas façanhas de soldados... O nosso livro, além disso, onde é narrada a história de uma sagrada e divina república, fixará sobre eternas colunas a recordação de lutas pacíficas para a paz da alma: alterna nomes daqueles que combateram fortemente em favor da verdade..., narrará, a título de glória, a constância dos atletas da fé e a sua força em suportar os diversos tormentos...". "Sou eu que, por primeiro, começo a tratar uma tal maneira, e proponho a aventurar-me por uma via deserta, não pisada pelos pés"<sup>4</sup>.

#### 4. O MÉTODO E ESTILO DA HISTÓRIA ECLESIASTICA

O seu estilo não tinha qualidades artísticas, como dizem alguns autores, é igual, monótono, com períodos prolixos e as proposições acidentais. Não é um estilo esplêndido. Outros, além disso, afirmam que os escritos de Eusébio revelam conhecimento de regras retóricas, ainda que, de modo convencional, falem inspirações retóricas<sup>6</sup>.

Eusébio usa na sua "História Eclesiástica" o método analítico já usado na "Crônica" e segue as suas normas com uma certa coerência. Entre as suas fontes ele prefere aquelas que fazem parte da tradição apostólica da igreja àquelas que a ela são estranhas; as dos autores ortodoxos às dos heterodoxos; prefere basear-se nos autores que reconhece como pertencentes à tradição apostólica da igreja àqueles que estão fora. Entre os autores não cristãos ele prefere aqueles mais célebres em relação àqueles que são menos conhecidos. Além disso, procura provar as informações obtidas por fontes cristãs, também através dos documentos de caráter profano.

Como historiador, Eusébio segue um princípio para provar a sua exposição da história através das fontes. Ele coleciona todos os documentos recolhidos nesse tempo.

<sup>4</sup> EUSEBIO, H. *Eccl.*, I, I, 1-2.

<sup>5</sup> *Ibidem*, I, I, 1-2.

<sup>6</sup> EUSÉBIO, H. *Storia Ecclesiastica e i Martiri della Palestina*, a cura di Giuseppe del Ton. Roma, 1964, p. 26-27; RAEMERS, S. A. *Hand book of Patrology*. p. 186.

Nos tempos mais recentes, ele era freqüentemente acusado de usar o material recolhido sem a discriminação e os cuidados necessários. O seu modo de citar as fontes pode ser considerado bastante intenso. Em vez de se referir ao texto original, ele cancela os trechos importantes e não distingue entre fonte primária e secundária. Faltam também reelaborações pessoais das fontes e um quadro histórico organicamente amalgamado. Notavam-se desproporções nas elaborações do material, superficialidade nas soluções de algumas questões, parcialidade nos julgamentos, etc... Eusébio sabia pouco latim e por isso não podia descrever precisamente a situação da parte ocidental da Igreja. A sua cronologia freqüentemente não é muito precisa, mas talvez o maior defeito fosse a falta de síntese. Três ou quatro vezes ele retorna ao cânon do Novo Testamento, mas não consegue atingir o objetivo.

Apesar dessa carência, a obra tem um valor indiscutível, aquele de aproximar-se de textos e documentos anteriormente desconhecidos e de fornecer informações preciosas sobre a história da igreja primitiva<sup>7</sup>. Dever-se-ia recordar, entre outros, que o autor segue somente os costumes da historiografia contemporânea a ele e, dependendo de suas normas, não se pode julgar, antes de tudo, segundo as normas científicas modernas<sup>8</sup>.

## 5. DIVISÃO DA OBRA

Efetivamente, a divisão dos livros provém do próprio Eusébio e foi determinada, na sua forma presente, por critérios práticos: são aqueles geralmente seguidos na antiguidade. O volume que se queria redigir dependia do tamanho do papiro que materialmente o compunha. Terminado o rolo, fechava-se o livro sem considerar muito que o pensamento, neste desenvolvido, tivesse um acabamento lógico em harmonia com a unidade orgânica do livro inteiro.

A "História Eclesiástica" tem como fim principal, para o qual tudo é ordenando, colocar em luz a origem divina do cristianismo e se divide claramente em duas partes:

<sup>7</sup> BERNARDINO, Angelo Di. *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiana*, v. 1. Roma: Casale Monferrato, 1983.

<sup>8</sup> KRIEGBAUM, B. Obra citada, p. 42-44.

1 - a primeira, que inclui os sete primeiros livros, é a história antiga ilustrativa dos primeiros três séculos de cristianismo e se apresenta como um mosaico de resumos e citações de toda espécie que forneciam a Eusébio as bibliotecas de Aelia (Jerusalém) e de Cesaréia;

2 - a segunda, que inclui os três últimos livros, é a história contemporânea, aí, ao invés das citações de escritores antigos, são referidos documentos oficiais, reescritos, decretos, constituições e imperadores, etc...

No primeiro livro, que constitui a formação da inteira obra, o sujeito é Jesus Cristo; o segundo livro expõe a idade apostólica até a destruição de Jerusalém; os três livros seguintes revelam o período histórico cristão do fim do primeiro e o segundo séculos; o sexto livro compreende eventos e fatos dos imperadores Severo e Décio e, em grande parte, é dedicado a Orígenes e Dionísio de Alexandria; o sétimo livro conduz até o início das perseguições de Deocleciano, com abundante uso de informações de Dionísio de Alexandria; o oitavo livro narra a perseguição de Deocleciano e de Galério; o nono livro é aquele de Máximo e prossegue até a vitória dele contra Massencio; o décimo livro informa sobre a reedificação das igrejas, de modo particular, a Basílica de Tiro, referindo-se ao discurso do mesmo Eusébio em ocasião da festa da dedicação da mesma basílica; relata depois a catástrofe de Licínio e termina com a descrição das florescentes condições da igreja com o triunfo de Constantino<sup>9</sup>.

A "Vida de Constantino" é uma espécie de apêndice, o qual vinha junto à "História Eclesiástica", escrita por volta do ano 337. A obra é um panegírico e como tal prefere esconder os aspectos negativos de seu herói, exagerando os particulares positivos. À primeira vista, Eusébio pode deixar a imagem de um bispo da corte, pouco objetivo, até o ponto de colocar em dúvida a sinceridade dos seus escritos. Mas, para valorizar plenamente o comportamento de Eusébio, é necessário ter em consideração a época em que viveu. Depois das cruentas perseguições, Constantino aparecia quase como o instrumento do

<sup>9</sup> EUSEBIO, H. *Storia Ecclesiastica e i Martiri della Palestina*, a cura di Giuseppe del Ton, p. 24-25. também Eusebius von Cesarea, *Kirchengeschichte*. München, 1967. p. 73-74, (Einleitung von H. Kraft). LAQUEUR, R. *Eusebius als Historiker seiner Zeit*. Berlin und Leipzig, 1929, p. 180. ("Konstantin als Retter des Christentums.")

qual Deus se serviria para debelar os seus inimigos. Essa era a visão comum de quase todos os cristãos. Partindo deste ponto de vista, torna-se mais claro porque o autor da "História Eclesiástica" considerava Constantino quase o representante terreno de Cristo e via no seu império a imagem do reino celeste, tornando assim precursor e proclamador da chamada "teologia imperial"<sup>10</sup>.

Nos manuscritos que conservaram a História Eclesiástica, com frequência, é inserido entre o livro VIII e IX e, algumas vezes, também depois do X, um opúsculo sobre os mártires da Palestina, aos quais Eusébio se refere, como testemunha ocular, utilizando-se de informações de primeira mão, dos feitos gloriosos desses mártires. Graças a esse opúsculo, somos informados, mais detalhadamente, a respeito de cada uma província do Oriente sobre a violência da perseguição na Palestina e sobre o número das execuções<sup>11</sup>.

## 6. A TRANSMISSÃO DO TEXTO, AS CÓPIAS E AS TRADUÇÕES

A História Eclesiástica não foi escrita como um trabalho orgânico e acabado, mas Eusébio somente a terminou depois de muitos retoques e acréscimos, segundo os grandes acontecimentos durante o longo período no qual ele trabalhou para escrevê-la. As várias redações vão, aproximadamente, dos anos 303 a 326. O autor Schwarz distingue quatro redações, levando em conta as repercussões do rápido suceder-se dos acontecimentos:

- 1 - a vitória de Constantino contra Massencio (28 de outubro de 312);
- 2 - a vitória de Licínio contra Massiminio (30 de abril 313);
- 3 - a vitória de Constantino;
- 4 - e o triunfo final de Constantino.

As quatro edições encontram-se nos seguintes anos: a primeira no ano 312-313; a segunda no ano 315, a terceira no ano 317 e a quarta no ano 323<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Dicionário Patristico e di Antichità Cristiana, obra citada, p. 1289; LAQUEUR, R. Eusebius als Historiker seiner Zeit, obra citada, p. 180.

<sup>11</sup> Dicionário Patristico e di Antichità Cristiana, obra citada, p. 1298.

<sup>12</sup> LAQUEUR, R. *Eusebius als Historiker seiner Zeit*. Berlin, 1929; BARDY, G. *Eusèbe de Césarée - Historiographie*. Paris, 1960. (Sources Chrétiennes).

A História Eclesiástica de Eusébio teve um grande sucesso e por isso veio freqüentemente copiada. As edições modernas apoiam-se, por isso, em uma tradução literária relativamente ampla. Mais de sete códigos escritos, em grego, entre o nono e o décimo primeiro século, existe também uma antiga tradução siríaca que provavelmente remonta ao quarto século e que, mais tarde, veio traduzida em língua armená<sup>13</sup>. Uma terceira tradução, aquela em latim, foi realizada por Rufino. Apesar da falta de precisão deste autor, essa última tradução possui um valor próprio porque Rufino continuou a exposição até a morte de Teodósio, o grande, no ano 395, oferecendo-nos um enriquecimento do material por esses setenta anos, do término da obra de Eusébio até essa tradução oferecida por Rufino. A obra de Eusébio foi divulgada no Ocidente na versão rufiniana, influenciando assim a tradição historiográfica latina por vários séculos.

## 7. O CONCEITO TEOLÓGICO: A INTERPRETAÇÃO CRISTÃ DA HISTÓRIA

O autor tinha uma idéia principal: representar a interpretação cristã da história, isto é, que a história da igreja começasse com a entrada de Jesus Cristo na história humana, isto quer dizer, com a encarnação. Toda a história não-cristã assim vinha incluída como preparação, realizada por Deus. Assim, todo o discurso da história vinha determinado por Deus. Segundo Eusébio, a doutrina de Jesus não é nem nova nem estranha, mas preparada pelos antigos "amigos de Deus" que teriam trazido a semente da verdadeira veneração de Deus aos vários povos; estes existiam já, antes de Cristo, os quais por causa da sua conduta de vida, concordam com a revelação trazida pelo verbo divino<sup>14</sup>. Este conceito poderia ser comparado com o conceito de São Justino com relação aos "princípios seminais", isto é, os grãos da verdade nos homens vividos antes de Cristo<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> BARDY, G. *Eusèbe de Césarée: Historiographie*. Paris, 1960. p. 118-119. (Sources Chrétiennes).

<sup>14</sup> KRIEGBAUM, B. *Storiografia Ecclesiastica*, obra citada, p. 42-43; Giuseppe del TON (ed), *Eusebio: Storia Ecclesiastica*, obra citada, pp. 20-22.

<sup>15</sup> Por exemplo, a ética estoica era aquela que mais se aproximava daquela cristã: algumas páginas de Sêneca têm assim um vivo sabor cristão que fêz surgir a lenda do epistolário apócrifo entre São Paulo e Sêneca, cfr. JUSTINO, Segunda Apologia, 8,1.

## 8. CONCLUSÃO

A importância da História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia é incalculável. Através de sua obra foram conservados muitos fragmentos dos autores da igreja primitiva, os quais, hoje, sem esse trabalho, seriam totalmente desconhecidos. Além disso, a sua influência no desenvolvimento da historiografia eclesial deve-se ao fato de que Eusébio desenhou, no segundo livro de sua obra, idéias e conceitos que teriam conservado a validade no decorrer dos tempos.

Pe. Vicente de Paulo Moreira é Mestre em Teologia e Ciências Patrísticas pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma e professor na Faculdade de Teologia do Centro Universitário Assunção, São Paulo.

## A ESPIRITUALIDADE COMO EXPERIÊNCIA DO CORPO

*(Contribuição para a busca de uma espiritualidade do cristão, da cristã, no estado de vida leigo)*

*Ceci M. C. Baptista Mariani*

### I. INTRODUZINDO A QUESTÃO

“A vida segundo o Espírito, cujo fruto é a santificação (Rm 6,22; cf. Gl 5,22), suscita e exige de todos e de cada um dos batizados o seguimento e imitação de Jesus Cristo, no acolhimento das bem-aventuranças, na escuta e meditação da Palavra de Deus, na consciente e ativa participação da vida litúrgica e sacramental da Igreja, na oração individual, familiar e comunitária, na fome e sede de justiça, na prática do mandamento do amor em todas as circunstâncias da vida e no serviço aos irmãos, sobretudo aos pequeninos, os pobres e os doentes”<sup>1</sup>.

Esses elementos, entendidos como esforço de manter vivos o **ÂNIMO**, a **MÍSTICA**, isto é, a força que sustenta a missão enquanto compromisso com o Reino de Deus, revelado por Jesus Cristo, estão vinculados à maneira como se vivencia e se compreende as relações fundamentais com Deus, com o outro e com o mundo.

A espiritualidade é um conjunto de práticas que se expressam segundo a experiência histórica, e em cada momento se determina por uma concepção de ser humano, uma **ANTROPOLOGIA**; por uma noção de revelação, uma **TEOLOGIA**; por uma compreensão de Igreja, uma **ECCLESIOLOGIA**; e uma compreensão de mundo, uma **COSMOLOGIA**.

O Concílio, quando resgata o valor das realidades terrestres e a unidade entre fé e vida, abre caminho para uma antropologia em superação ao dualismo, em prol de uma visão de homem integrada, unitária; de uma concepção de

<sup>1</sup>JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Christifideles Laici*, p.40.